

Aspectos da Cadeia Produtiva do Couro Bovino no Brasil e em Mato Grosso do Sul

Alberto Gomes¹

Histórico da bovinocultura e do mercado do couro no Brasil

- **1536** - Introdução no Brasil pelos portugueses na Bahia, Pernambuco e São Vicente, “Esposa de Mem de Sá - uso do leite no banho”
- **1555** - Irmãos Goes levam bovinos de São Vicente para Assunção
- **1569** - Nuflo de Chavez leva gado do Peru para Assunção
- **1634** - Jesuítas introduziram o bovino no Rio Grande do Sul (1.500 cabeças da Argentina)
- **1680** - Fundação da Colônia de Sacramento, início do comércio de couros secos, sebo e chifres
- **1698** - Primeiros testes para salgar e aproveitar a carne
- **1734** - Exportação de couros secos entre 400 e 500 mil/ano
- **1737** - Reclamação do Rei da Espanha quanto a ação da colônia portuguesa, sobre a matança de gado no Paraguai
- E assim, em 1834...

¹ Médico-Veterinário, Ph.D., CRMV 0104/MS, Embrapa Gado de Corte, Rodovia BR 262 Km 4, Caixa Postal 154, CEP 79002-970 Campo Grande, MS. Correio eletrônico: gomes@cnpgc.embrapa.br

População bovina do Brasil em 1997.

<i>Categoria</i>	<i>Quantidade</i>
Touros	2.166.855
Vacas	46.200.260
Novilhas (1 a 3 anos)	27.626.006
Garrotes (1 a 3 anos)	26.072.233
Bezerros e bezerras	37.499.068
Bois (> 3 anos)	6.992.743
Total	146.557.165
Abate anual	30.208.448
<i>Abate de vacas (%)</i>	<i>44,26%</i>

É de boa qualidade o couro de bovino produzido no Brasil ?

Comparativo da classificação do couro produzido no Brasil e Estados Unidos.

<i>Brasil</i>	<i>EUA</i>
1ª/2ª = 8,6%	1ª = 80,0%
3ª = 25,3%	2ª = 15,0%
4ª = 30,5%	3ª = 5,0%
5ª = 10,6%	
6ª = 10,7%	
Ref. = 25,3%	

Comparativo de valor de produção brasileira de couro entre 1986 e 1995

Sistema	Brasil
• Preço Base	US\$ 0,73 / kg verde
• X 37 kg/ couro	US\$ 27,01 / couro verde x 24 milhões
• Faturamento anual	US\$ 648.240.000

Sistema	Americano
• Preço Base	US\$ 1,30 / kg verde
• X 37 kg/ couro	US\$ 48,10 / couro verde x 24 milhões
• Faturamento anual	US\$ 1.154.400.000

Perda Anual (B-A) = US\$ 506.160.000

Produção de couro de Mato Grosso do Sul

- Rebanho bovino: 23 milhões de cabeças
- Abate/dia: 15.000 cabeças
- Vendido "in natura" ou conservado (SP, PR, RS): 5.000 couros/dia
- Comprado/processado de outros Estados: 2.000 couros/dia
- Processado – *Wetblue*: 12.000 couros/dia

Evolução da classificação do couro em função de sua qualidade em Mato Grosso do Sul.

<i>MS/2000</i>	<i>MS/2001</i>	<i>Diferença</i>
1 ^a /2 ^a /3 ^a = 0,0%	1 ^a /2 ^a /3 ^a = 0,0%	(=) (=)
4 ^a = 5,0%	4 ^a = 0,0%	(-) 5% (-)
5 ^a = 40,0%	5 ^a = 20,0%	(-) 20,0% (-)
6 ^a = 20,0%	6 ^a = 50,0%	(+) 30,0% (-)
7 ^a = 20,0%	7 ^a = 25,0%	(+) 5,0% (-)
Ref. = 15,0%	Ref. = 5,0%	(-) 10,0% (+)

Comparativo de perda de valor de couro em Mato Grosso do Sul entre 2000 e 2001

- **Classificação Atual:**
- **Couros a partir de 5ª categoria** **Preço base/m² R\$ 25,00**
- **Classificação Atual:**
- **Couros a partir de 5ª categoria** **Preço base/m² R\$ 25,00**

Perda por couro/4,5 m² = R\$ 45,00

Onde começa a desclassificação do couro produzido no Brasil?

Problemas verificados no couro dos animais durante sua criação até o abate

Nas propriedades rurais:

- Marca a fogo = 10%
- Arame farpado, ferrão etc. = 5%
- Galhos, espinhos etc. = 5%
- Ectoparasitos = 40%
- **TOTAL = 60%**

No abatedouro:

- Esfolha deficiente = 20%
- Salga deficiente = 10%
- **TOTAL = 30%**

No transporte, os danos são da ordem de 10%, ocasionados por chifradas, quedas, má conservação dos caminhões, etc.



Classificação do couro proveniente de SP, MT (único), MG e RJ

- **Marca a ferro quente:** 47% apresentavam comprometimento no grupão - tamanho da marca: de 11 a 23 cm de diâmetro com frequência de 1 a 6 vezes
- **Berne:** 89% das peles apresentavam perfurações, com 18,6% de perda média no curtume
- **Carrapato:** 90,9% apresentavam parasitismo por carrapato, com perda média de 4,2%
- **Escoriações, incisões da esfolia, etc.:** apresentaram incidência em 26,9% das peles, com perda de 4,8%

Somatória da perda = 27,5% de couro

Além dos danos no couro ocasionados por parasitos, um bovino infestado apresenta perdas (kg) teóricas anuais de:

Perdas - kg/ animal/ano

- 10 carrapatos = 2,2 kg
- 500 moscas-dos-chifres = 40 kg
- 20 bernes = 20 kg
- Helmintos = 30 kg
- Perda teórica total = 92,2 kg

Outras conseqüências na cadeia produtiva do couro em Mato Grosso do Sul

Conseqüências

- Transporte:
 - Quebra do couro durante o transporte do frigorífico ao curtume
 - Couro verde tem 65% de água
 - Normal seria de 1,5% mas chega a 4,5%
- Quebra no curtume = 20%
 - Sebo, gordura e recortes
 - Recortes > lavagem > desengorduramento > fábrica de gelatina = elevação dos gastos.

Processo de normatização e controle de qualidade aplicados pelos curtumes

<i>Fase</i>	<i>Normatização</i>	<i>Qualidade</i>
Não existe	26,5%	8,8%
Inicial	23,5%	23,5%
Em desenvolvimento	41,2%	38,2%
Em conclusão ou concluído	8,8%	29,5%

Como é feita a comercialização do couro no Brasil?

Na concepção do produtor não se recebe pelo couro na comercialização do bovino no Brasil

- É aqui que se perde a primeira e grande oportunidade de estimular o criador a produzir um bom couro. Para o criador, o couro não tem expressão econômica, é apenas um envoltório do animal.
- No abatedouro inicia a comercialização do couro. Ali o couro é, ou não, salgado e vendido por quilo. Em geral, pela origem e raça dos animais, o abatedor consegue identificar e obter preços diferenciados.
- O couro "in natura" ou salgado, chega ao curtume, onde realmente é tratado por metro quadrado e de acordo com a sua classificação e cotação nacional ou internacional.

O preço pago ao pecuarista pela arroba do boi é uma somatória de cada item que compõe o aproveitamento bovino. Por exemplo:

Boi de 16 arrobas

- **Corte de traseiro** = 57% das arrobas do boi
- **Corte dianteiro** = 22% das arrobas do boi
- **Ponta de agulha** = 9% das arrobas do boi
- **Couro verde** = 7% das arrobas do boi
- **Subprodutos** = 5% das arrobas do boi

Assim como no Brasil, nos EUA o valor do couro também está implícito no preço total pago pela arroba do boi.

Como é exportado o couro pelo Brasil?

Exportação de couro brasileiro, segundo a quantidade, nos anos de 1998 e 1999.

<i>Tipos de couro</i>	<i>1998</i>	<i>1999</i>	<i>%</i>	<i>US\$/Unidade</i>
Salgado	713.102	313.839	-69,9	25,00
<i>Wet blue</i>	11.582.911	10.326.526	-10,8	40,00
<i>Crust</i>	1.696.066	2.178.732	28,1	60,00
Acabados	1.586.021	2.032.367	28,1	80,00 (350,00*)
Total	15.178.100	14.851.465	-2,2	

* Um couro acabado pode produzir 20 pares de calçados, proporcionando uma receita de US\$ 350,00 por couro.

Principais países produtores de couro (ano base 1998).

<i>Países</i>	<i>Abate de bovinos</i>	<i>Produção de couros</i>	<i>Exportações</i>
Argentina	11.800.000	11.920.000	8.640.000
Brasil	29.100.000	32.593.000	16.655.995
EUA	36.317.864	38.124.632	19.930.003
Itália	4.400.000	67.800.000	32.050.000

Política de exportação do couro semi-acabado e acabado

A União Européia (grande importadora) aplica alíquota de 6,5% na entrada de couros brasileiros nos estágios de *Crust*, semi-acabado e acabados, não restringindo as importações de couros brasileiros no estágio de *wet blue*.

Tributação em cascata no Brasil, para se chegar ao couro acabado.

Perfil da indústria curtidora brasileira

- Sul = 220 empresas
- Sudeste = 231 empresas
- Centro-Oeste = 26 empresas
- Norte/Nordeste = 81 empresas

Política de industrialização do couro semi-acabado e acabado em Mato Grosso do Sul

Vantagens:

- Investimentos para produção de 1.000 couros/dia, estimado em R\$ 4.000.000,00
- Criação de 100 empregos diretos
- Ganhos no valor agregado

Desvantagens:

- Incentivo e dificuldade para o mercado consumidor
- Mão-de-obra qualificada
- Materiais de insumos e equipamentos
- Ausência de indústrias na região

Tendências na tecnologia do couro

- *Wet blue* produto intermediário tão próximo quanto possível do matadouro evita transportes
- Evitar cargas ambientais em lugar de tratá-las
- Utilizar subprodutos tanto quanto possível
- O uso de subprodutos possibilita unidades maiores, mais econômicas, para os processos de ribeira e curtimento primário
- Produção em grande volume para couros semi-acabados e produção de objetos de utilidade. Unidades menores, flexíveis, para produtos de moda e de alta qualidade

- Produção do couro acabado próximo à produção de calçados e artigos de couro
- Racionalização-automação-computadorização
- Certificado de qualidade

O que fazer para mudar a qualidade do couro brasileiro

Educação continuada:

- Produtor
- Transportadora
- Frigoríficos
- Curtumes
- Política de industrialização do couro
- Formação de parcerias, consórcios
- Definição de áreas para concentração das indústrias
- Pesquisa em todos os segmentos da cadeia produtiva do couro.

Para um couro de melhor qualidade

- O criador necessita de orientação técnica e apoio financeiro para produzir, não só o couro, mas o bovino como um todo.
- A extensão rural e o crédito bancário são insatisfatórios, não atingem a fazenda.
- No processo de comercialização, tanto do couro como da carne, é muito tênue o estímulo financeiro para um produto de melhor qualidade.
- O boiadeiro (transportadora) precisa ser orientado e estimulado a preservar o couro dos animais por ele transportado. Além disso, esse serviço deve ser normalizado e fiscalizado pelo governo.
- Os abatedouros também precisam ser atingidos pela informação, orientação e pela adoção rotineira de processo de comercialização, que incluam compensações financeiras.
- A indústria de couros, calçados e afins, grande usuário do produto, precisa se associar ao governo e investir em programa de melhoria do couro.

Exemplos de parcerias

Modelo de parceria: curtume + frigorífico

Objetivo é a qualificação do couro cru.

Situação atual

Perdas e subqualidade = subpreço

Transporte deficiente, pré-abate sem o período de descanso, sistema de atordoamento, sangria e linhas de corte erradas, esfolagem deficiente, transporte e conservação do couro verde com peso morto agregado.

Situação proposta

Otimização do aproveitamento dos subprodutos e melhorias da qualidade = remuneração adicional

Transporte correto do gado, lavagem eficiente no pré-abate, sangria, linhas de corte, esfolagem, aparagem e pré-descarte corretas com aproveitamento de sebo e farinha de carne. Tratamento microbiológico e transporte adequado do couro verde - Garantia de conservação.

Modelo de parceria: curtume + frigorífico + pecuarista

A união destes segmentos pode mudar esta situação e valorizar o couro nacional. Os reflexos de cuidados simples em relação ao couro têm grandes reflexos sobre a carne.

Controle

- Precocidade de abate
- Combate a ectoparasitas
- Marcas (fogo, riscos...).

Resultados

- Couro mais limpo e carne de melhor qualidade.
- Couro mais limpo e maior conversão de alimento em carne.
- Todo ferimento provocado no animal traz conseqüências negativas para o couro e sua conversão alimentar.

Resultados esperados na parceria dos segmentos da cadeia produtiva do couro

- Matéria-prima de melhor qualidade
- Benefício-custo favorável
- Decisão setorial ou coletiva.

Literatura consultada

AMARAL, M. Por que não damos no couro. **Globo Rural**, São Paulo, v. 2, n. 21. p. 32-40, jun.1987.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS QUÍMICOS E TÉCNICOS DA INDÚSTRIA DE COURO – ABQTIC. **Guia brasileiro do couro**. [S. l.], 1996. p. 6-14.

CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE CURTUMES DO BRASIL. **Couro, esse negócio vale ouro e rende muito mais que a carne**. Brasília, DF, 2000. p. 4.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA. INSTITUTO EUVALDO LODI. Núcleo (Florianópolis, SC). **Relatório de missão dos pesquisadores alemães aos curtumes brasileiros**. Florianópolis, 2000. 9 p.

FÓRUM DE COMPETITIVIDADE, 2001. **Cadeia produtiva de couro e calçados**. [S.l.]: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – Secretaria de Desenvolvimento e Produção, 2001. Paginação irregular.

GOMES, A. Como melhorar a qualidade do couro. **Gado de Corte Informa**, Campo Grande, v. 10, n. 3, p. 3. set. 1997.

GOMES, A. Couro mal tratado. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15 dez.1999. Suplemento Agrícola “curtas”.

GOMES, A. Couro, um mercado de bilhões. **Folha do Paraná**, Londrina, 25 dez.1999.

GOMES, A. Embrapa entra no debate sobre aproveitamento do couro no Mato Grosso do Sul. **Gazeta Mercantil**, Campo Grande, 13 dez. 1999. p. 3.

INSTITUTO EUVALDO LODI. Núcleo Nacional (Brasília, DF); CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA (Brasília, DF); SEBRAE NACIONAL (Brasília, DF). **Estudo sobre a eficiência econômica e competitividade da cadeia agroindustrial da pecuária de corte no Brasil**. Brasília: IEL, 2000. 416 p.

MATO GROSSO DO SUL: estímulo à indústria do couro. *Courobusiness*, Brasília, v. 4, n. 18, p. 38-40, 2001.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Produção e Desenvolvimento Sustentável. **Plano de desenvolvimento industrial de Mato Grosso do Sul PDI/MS - Síntese Executiva**. Campo Grande, 2000. Paginação irregular.

PARA onde vai o couro brasileiro. *Courobusiness*, Brasília, v. 3, n. 12, p. 34-37, 2000.

PORTUGAL, A. D.; REIFCHNEIDER, F. J. B.; CONTINI, E.; OLIVEIRA, A. B. Taxa voluntária de desenvolvimento tecnológico (Agromais) - Um mecanismo inovador de financiamento para a pesquisa, desenvolvimento e promoção do agonegocio. **Idéias & Debate**, 5-17, 1999.